

O guerrilheiro musical Ívano volta a atacar em pleno coração da cidade

Show de Ívano

Ívano reaparece com sua estética de guerrilheiro musical, amanhã, às 18 horas, na Casa da Cultura, com o show intitulado “Transas, tranças, cores, tribos Rastafari”, onde pretende refletir toda sua admiração pelo movimento “Rastafari”, oriundo da Jamaica, onde os negros das favelas começaram a rebelar-se contra o sistema racista através da

música, criando o ritmo chamado “reggae”.

Nesse show, o artista apresentará algumas músicas inéditas como “Avançando mil sinais”, “Me desculpe seu moço pela minha ousadia”, em parceria com Rogério Resende e mais “Tire essas mãos de mim, vá lavar suas mãos”, “Trilhos”, “Num pisa eu” e “Onylê”. A entrada é franca.



No Poço da Panela, capoeiristas e grupos de maracatus festejaram a Abolição

Maracatu inicia comemoração à Abolição da Escravatura

Com apresentação de grupos de capoeira e maracatu, a Comissão de Moral e Civismo - Comoci -, da Secretaria de Educação, iniciou as festividades do projeto "Abolição Ano 100", ontem de manhã, na praça do Poço da Panela, em Casa Forte. As comemorações, alusivas à libertação dos escravos pela princesa Isabel, no dia 13 de Maio de 1888, prosseguirão durante todo este ano com palestras, debates e estudos, tentando-se uma recolocação cívica-social do movimento negro brasileiro.

O evento, iniciado com missa solene na capela do bairro, contou com a participação da banda de música do Centro de Criatividade Musical do Recife, dos capoeiristas da escola Clídio Nigro e do Maracatu da escola Assis Chateaubriand. No final os organizadores entregaram, ao aluno Gil Robson Lopes, da escola estadual Joaquim Nabuco, um prêmio em dinheiro no valor de mil cruzados, por ter idealizado o logotipo da campanha, através de concurso nas escolas. A Co-

moci premiou, também, a estudante Elvira Oliveira, autora da frase "Abolição Ano 100" - Grito de Liberdade, Eco de um século", que será usada no movimento.

Segundo a coordenadora da Comissão, professora Leny de Amorim Silva, "essa libertação tem um sentido muito mais amplo que uma simples quebra de correntes". Nós queremos conscientizar a população sobre a necessidade de se pôr em prática essa liberdade, tanto no lado social, como político e religioso".

"As reformas de que imediatamente necessitamos são reformas sociais que levantem o nível do nosso povo, que o forcem ao trabalho e dêem em resultado o bem-estar e a independência que absolutamente não existem e de que nenhum governo cogitou para a nação brasileira".

Estas palavras de Joaquim Nabuco proferidas em 1884, foram repetidas pelo presidente da Fundação, Fernando de Mello Freyre, ontem, pela manhã, durante a saudação aos ho-

menageados com a Medalha do Mérito da Fundação Joaquim Nabuco, em solenidade realizada no auditório Benício Dias, acrescentando que elas hoje se aplicam à situação do País.

Segundo Freyre, o que parecia a Nabuco era que, extinguindo-se a escravidão mas continuando os "feudos", artistas e operários se tornariam simples "substitutos dos escravos", e os aparentes homens livres que eram os pequenos lavradores sem terra, do interior, continuariam só na aparência homens livres.

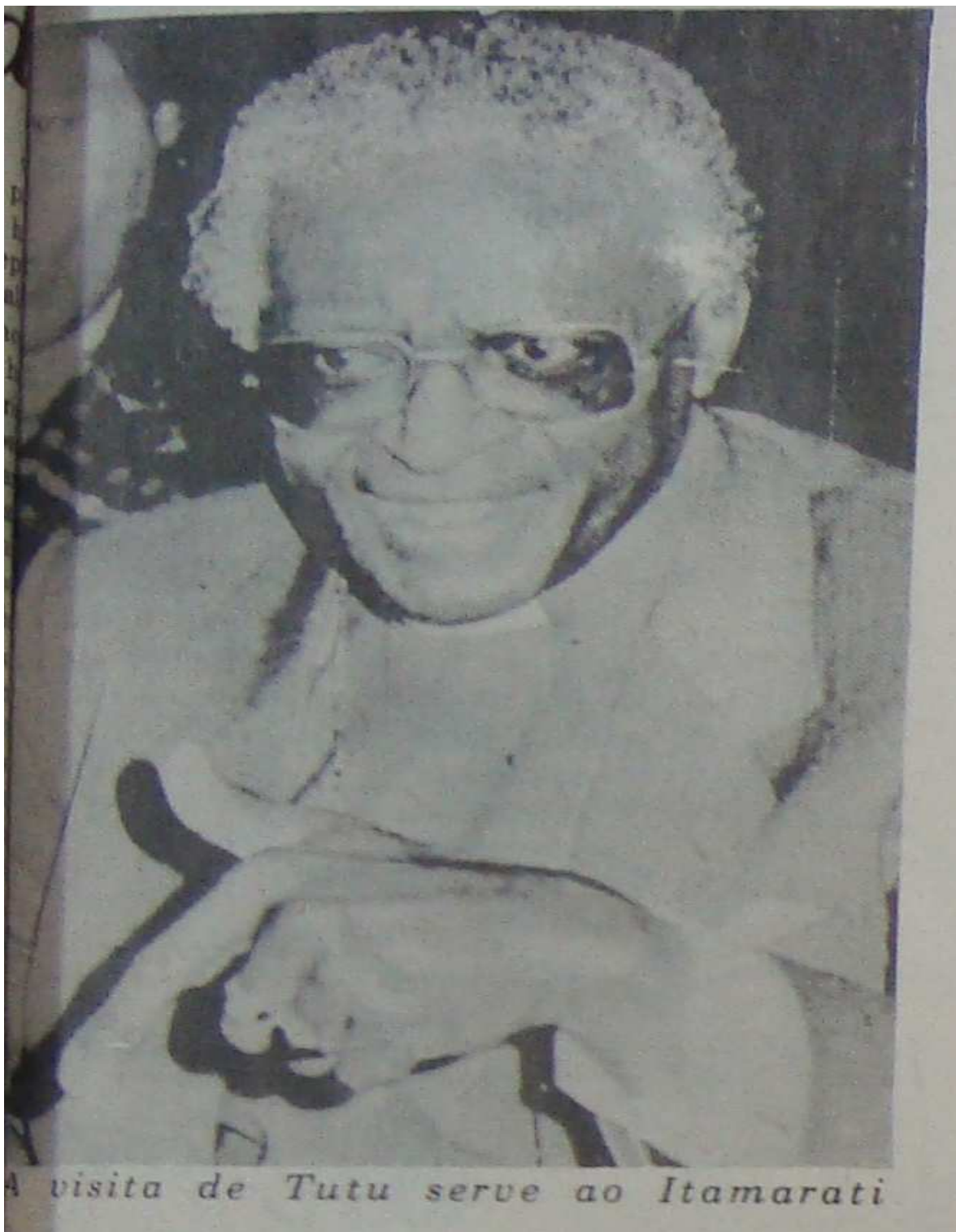
Ingressos
no local.

A ir

09 a 1
Cent

Evento paralelo:
Encontro Norte-Nordeste
de Informática

Tutu: visita cheia de atropelos



A visita de Tutu serve ao Itamarati

Quando o bispo negro anglicano da África do Sul, Desmond Tutu, descer em Recife, amanhã à tarde, de um avião da Varig procedente de Lisboa, com passagem de primeira classe paga pelo Governo brasileiro, já estará montado um grande esquema, cuja finalidade será extrair todas as vantagens de uma viagem oficial, que antes mesmo de se iniciar já passou por alguns atropelos. Afinal, trata-se de um detentor do Prêmio Nobel da Paz, que se tornou o símbolo da oposição ao regime mais desumano do mundo: O racismo sul-africano.

Ao condenar cada vez com mais veemência o apartheidismo, o Brasil achou que devia também demonstrar sua solidariedade aos que na África do Sul, Victor de fora dela para derrubar esse regime, que considera odioso e abominável. O bispo Tutu foi, assim, a

personalidade escolhida pelo Governo brasileiro para servir aos objetivos de sua política externa.

O convite foi feito a 23 de julho do ano passado, num encontro do encarregado de negócios do Brasil na África do Sul, Victor de Mello Vianna (morto repentinamente esta semana) com o bispo Desmond Tutu, que acabava de ser eleito arcebispo da cidade do Cabo, a diocese matriz e, portanto, Primaz da Igreja Anglicana da África do Sul. Tutu se mostrou encantado com a idéia e disse que teria muito prazer de conhecer o Brasil. O convite também servia aos propósitos do bispo negro de fortalecer sua luta contra a segregação racial com a adesão ostensiva de mais um país.

Transformado em uma espécie de "globetrotter" desde sua premia-

ção pela Academia sueca, em 1984, Tutu não viu de imediato espaço em sua agenda para vir ao Brasil. Ele já tinha viagens marcadas para diversos países da Ásia e da Europa, mas propôs realizar sua visita no início de 87. Num segundo encontro com o representante brasileiro em Pretória, Tutu falou em março, mas não pôde cumprir essa data, por causa de outros compromissos.

O Brasil, por sua vez, insistiu em uma definição porque queria que a visita de Tutu, um líder pacifista, precedesse à do guerrilheiro San Jujona, presidente da Organização dos Povos do Sudoeste Asiático. Essa visita também foi cercada de incidentes, como o encontro com o presidente José Sarney, que só se dispôs a recebê-lo depois de pressões de parlamentares, da comunidade negra, de dois minis-

tros de Estado e da imprensa.

Em seus contatos com o diplomata brasileiro, o sacerdote anglicano sempre deixou claro que queria se encontrar no Brasil com os irmãos na fé. Além deles, pediu ainda para rever dois amigos: dom Hélder Câmara, no Recife, e o presidente da Legião da Boa Vontade, José de Paiva Neto, com o qual vai se encontrar no Rio, sexta-feira, às 10 horas, pouco antes de seguir viagem para Trinidad-Tobago.

O Itamarati atendeu seu desejo e ainda resolveu ampliar o caráter religioso dos encontros do bispo anglicano para além dos limites ecumênicos, imaginando que ele teria de tomar contato com as diversas manifestações culturais brasileiras, especialmente as de origem africana.

Departamento de Pesquisa

Ao desembarcar no Aeroporto Internacional dos Guararapes, às 16:30 horas de hoje, procedente da África do Sul, o arcebispo anglicano Desmond Tutu estará dando início a uma estadia de quatro dias ao nosso País. Trata-se da primeira vez que este apóstolo da reconciliação racial, lutador incansável contra a violência "institucionalizada" do governo branco de Pretória, aliado fervoroso de todas as vítimas do racismo e Prêmio Nobel da Paz de 1984, pisa o solo brasileiro.

Nunca ninguém contribuiu tanto, ao menos na última década, para deixar o mundo inteiro indignado com a situação de inferioridade dos negros sul-africanos - originalmente determinada pelo apartheid - quanto Desmond Mpilo Tutu. Filho de um professor primário e de uma lavadeira, ele nasceu a 7 de outubro de 1931, em Klerksburg, bairro pobre de Johannesburgo. Na sua juventude, levava a vida vendendo docinhos nos trens, ganhando - ou perdendo - alguns centavos no póquer, nas cassino, e trabalhando para brancos nos clubes de golfe da sua cidade natal.

Não dispoñdo do dinheiro necessário para custear estudos de Medicina, tornou-se professor pela Universidade da África do Sul (Unisa), em Pretória, antes de ordenar-se sacerdote em 1961. Nessa época, o jovem já era casado com uma professora, aluna do seu pai.

De 1962 a 1966, Tutu continuou seus estudos em Londres, enquanto cumpria as funções de vigário nas igrejas de Saint Alban's e Saint Mary's, obtendo na metrópole britânica seu diploma de Teologia. Desde então e até 1972 sua atividade principal foi a de professor desta matéria. Ensinou inclusive na Universidade para africanos de Fort Hare, na Cidade do Cabo, onde se formaram muitos militantes negros, entre outros Robert Mugabe, primeiro-ministro de Zimbábue. Em 1972 voltou a Londres como diretor do Fundo para a Educação Teológica do Conselho Mundial das Igrejas. Três anos mais tarde, foi nomeado deão de Johannesburgo, convertendo-se assim no primeiro negro a exercer as funções de bispo anglicano nesta cidade, escolhendo Soweto como residência, em lugar de ocupar a casa posta à sua disposição no elegante bairro de Houghton.

Desmond Tutu

O apóstolo da não-violência fala hoje da paz no Recife



Muitos são os brancos integrados ao movimento anti-apartheid, liderado na África do Sul por Desmond Tutu

PREVISÃO

Em 1976, um mês antes do começo das revoltas dos estudantes que causaram mais de 600 mortes nas cidades negras da África do Sul, Desmond Tutu enviou uma carta aberta ao primeiro-ministro da época, John Vorster, na qual afirmava que "ninguém poderia impedir um desenrolar sangrento dos acontecimentos". Vorster qualificou esta carta como "propaganda política", mas um mês depois, os estudantes sul-africanos ocuparam a primeira página da Imprensa Internacional.

A partir daí, o sacerdote passou a ser constantemente vigiado pelos serviços de segurança. Todas as manhãs, durante a caminhada de cinco quilômetros para o trabalho, ele sempre era acompanhado por um agente de segurança. Certa vez, quando ele se sentou no gramado, dentro de um hotel de Johannesburg, para entregar os pés que lhe doíam, dentro de um par de sapatos italianos, um dos agentes chegou até se aproximar para oferecer ajuda. Pelo menos naquela ocasião Tutu confirmou a sua convicção: "No momento em que os brancos puserem de lado as suas auto-dividas disfarçadas em complexos de superioridade, começaremos a construir nossos relacionamentos humanos verdadeiros".

Em 1977 o sacerdote foi nomeado bispo de Lesotho, pequena zona montanhosa que constitui um Estado (a antiga Bostwana) encravada inteiramente na África do Sul. Intensificou então sua participação no movimento de oposição ativa ao regime de apartheid, apoiando inclu-

sive o movimento Consciência Negra, de Steve Biko, líder que morreria na prisão em 1978. No ano seguinte, Tutu retornou a Johannesburg, desta vez como secretário geral do Conselho de Igrejas Sul-Africanas (SACC). Mais intensa ainda se fez sua presença na luta anti-racista. No início de 1979, durante uma viagem pela Dinamarca, lançou uma campanha de boicote do carvão sul-africano. As autoridades do seu país retiveram então, pouco depois de suas declarações, seu passaporte. O que, de fato, não impediu de reiterar seu apoio em favor da manutenção das pressões econômicas exercidas sobre a África do Sul.

Em 1980, declarou à BBC: "Façam todo o possível para exercer uma pressão política, diplomática e, sobretudo, econômica. Não acreditem no que lhes dizem, que os negros vão sofrer as consequências... já estão sofrendo".

NOBEL

Em maio desse mesmo ano, o bispo anglicano passou uma noite na prisão junto com 51 religiosos negros e brancos, por ter-se manifestado nas ruas de Johannesburg contra a prisão, poucos dias antes, do reverendo John Torme. (Este último, ex-secretário geral do SACC foi preso por ter pronunciado um discurso diante dos estudantes mestiços que boicotaram as aulas). Três meses depois, monsenhor Tutu encontrou-se com o primeiro-ministro Pieter Botha em Pretória, "para comunicar-lhe os sofrimentos do povo negro". Mas o bispo afirmou mais tarde que só voltaria a aceitar uma entrevista análoga "se Botha lhe pedisse desculpas



O Prêmio Nobel da Paz e arcebispo sul-africano começa sua visita ao Brasil por Pernambuco

por ter montado uma campanha ofensiva contra a sua organização e contra ele mesmo... "No final do mesmo mês de março desse ano, Tutu realizou um giro pela Europa, depois de ter recuperado seu passaporte. Desta vez, renovou sua campanha ao boicote dirigindo-se a personalidades ocidentais tais como Kurt Waldheim, secretário das Nações Unidas, ou o Papa João Paulo II.

De regresso a seu país, as autoridades voltaram a retirar-lhe o passaporte. Sua reação foi a de um homem de igreja: "Desejo uma feliz páscoa ao primeiro-ministro e a seu povo", foi tudo o que disse.

É foi justamente por seus apelos à moral das democracias ocidentais e seu combate intenso, mas pacífico, contra o apartheid no último reduto do poder branco na África, que a Real Academia de Ciências da Suécia lhe concedeu, em 1984, o Prêmio Nobel da Paz, uma escolha recebida com entusiasmo em quase todo o mundo e que veio, a exemplo do que aconteceu com o norte-americano Martin Luther King, 20 anos antes, distinguir um pastor que acredita tanto nos direitos do seu povo como na não-violência como arma para conquistá-los.

Aliás os cinco membros da comissão norueguesa que tradicionalmente escolhe o Prêmio Nobel da Paz foram bastante claros em seu parecer: "A premiação deste ano deve ser vista como um reconhecimento renovado da coragem e do heroísmo demonstrados pelos negros sul-africanos em seu uso de métodos pacíficos no esforço contra o apartheid (a política separatista imposta pelos governos brancos de Pretória). Este reconhecimento é também dirigido a todos aqueles que em todo o mundo usam tais métodos para se afirmar na vanguarda da campanha pela igualdade racial como um direito humano. A premiação também deve ser vista como um gesto de apoio a todos os indivíduos e grupos da África do Sul que,

Secção B, Página Um

com sua preocupação pela dignidade humana, fraternidade e democracia, estimulam a admiração do mundo".

Desmond Tutu recebeu a notícia de sua premiação em Nova Iorque, onde participava de um seminário de Teologia e emocionado disse: "Foi uma surpresa muito grande. Eu e minha mulher beliscamos um ao outro, por alguns segundos, para nos certificarmos de que não era um sonho. Partiremos imediatamente para Johannesburgo. Quero dividir este prêmio com o meu povo. Porque esta não é uma conquista individual. Estamos todos envolvidos na libertação da África do Sul".

ARCEBISPO

Dois anos depois desse acontecimento memorável, Tutu, diante de um mil e 350 convidados do seu país e do Exterior, foi sagrado arcebispo da Cidade do Cabo e chefe dos dois milhões de anglicanos da África do Sul, numa cerimónia cheia de pompa em que declarou rejeitar toda violência e destacou seu apoio à imposição de sanções económicas ao regime racista.

- Condono toda violência. Condono a violência do injusto regime de segregação racial e a daqueles que querem derrubá-lo - declarou. Culpou ainda o apartheid pela violência e derramamento de sangue e afirmou: "Estamos todos desumanizados pela injustiça e opressão".

Desde abril do ano passado que Desmond Tutu vem propondo um boicote económico total ao governo do seu país. Chegou inclusive a declarar ao *Der Spiegel*: "As pressões internacionais talvez sejam a última maneira disponível para se conseguir uma solução pacífica". E quando, em setembro desse mesmo ano, o presidente norte-americano Ronald Reagan vetou represálias contra a África do Sul, ele não deixou passar em branco e declarou categórico: "O presidente Reagan será duramente julgado pela História por ter vetado as sanções aprovadas pelo Congresso americano contra a política de discriminação racial do regime sul-africano".

Mais recentemente, precisamente em abril passado, Tutu, juntamente com o presidente da União Mundial das Igrejas Reformadas, Alan Boesak, em aberto desafio às autoridades, conclamou o povo à desobediência civil ante o regime racista de Pretória, em uma cerimónia ecuménica na Catedral da cidade do Cabo. Do púlpito, o arcebispo indagou as 1.400 pessoas presentes se aceitavam passar à desobediência civil, sendo respondido com gritos de "sim". Além do arcebispo católico Stephen Madoo, assistiram ao ato diplomatas ingleses e franceses, e o embaixador negro dos Estados Unidos, Edward Cerkins, que pela primeira vez, em nota, condenou a "falta de liberdade" no país.

Para a grande maioria da população da África do Sul, o pequeno (mede menos de 1,60 m) e grisalho Desmond Tutu, com sua voz penetrante, é que, em conversa, não se preocupa em disfarçar as emoções que o levam frequentemente ao riso, às lágrimas e à ira, é uma figura de integração e um herói na luta pela libertação do jugo do homem branco. É este líder negro, o único que consegue manter contatos ao mesmo tempo com autoridades governamentais, com dirigentes do Ocidente e com líderes das favelas, entre eles Winnie Mandela, sua amiga e admiradora, que o recifense vai ter o ensejo de conhecer hoje. Durante as poucas horas que aqui permanecerá, o arcebispo será recepcionado num ato público de solidariedade à luta travada em seu país contra a segregação racial e terá a oportunidade de assistir a um espetáculo que vai tentar sintetizar, numa amostra, todas as manifestações culturais do povo pernambucano, as 19 horas, na Praça do Carmo. Consta ainda na agenda de Tutu, em sua passagem pelo Recife, um encontro reservado com o ex-arcebispo de Olinda e Recife, Dom Helder Câmara. Em seguida, dando continuidade à sua visita oficial de quatro dias ao Brasil, ele viaja para Salvador, depois Brasília, São Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro.

Cabeça de negro

O cantor e compositor **Gilduca** se apresentará, amanhã, às 19 horas, na Sala Jota Soares da Fundaj, na Casa da Cultura, com o show "**Cabeça de Negro**", dentro do Projeto Espaço Aberto. Acompanham o artista os percussionistas Marcelo, Paulo Jorge e Milton e a vocalista Kelly.

O espetáculo, explica Gildo do Socorro Filho, 30 anos, conhecido como Gilduca no meio musical, visa a apresentar as raízes culturais da nossa gente, tendo como objetivo valorizar a cultura negra, sem nenhum tipo de preconceito.

Digitador profissional de um grande banco brasileiro, Gilduca está envolvido com música desde os 15 anos, mas sempre mostrando apenas o seu lado de compositor. Só mais recentemente, resolveu ir à luta também como cantor - e os resultados têm sido compensadores. Ano passado, fazendo a Sala Clênio Wanderley, no projeto da Fundarpe, obteve a necessária receptividade do público.

Com músicas de sua autoria presentes em elepês do grupo "Os caretas" (com a música "Vozes da África" e uma outra canção, ainda sem título), Gilduca tem feito, ao longo de sua carreira artística, apresentações em diversos bares da noite recifense, a exemplo do Cravo e Canela e do Meu Cantinho.

Para o show na Jota Soares, o cantor pretende apresentar ritmos africanos e regionais, através de músicas como "Esperança", "Zumbi", "Mariana Flor", "A Cor da Madrugada", "Manifesto ao Amor" - poema de Dione Barreto musicado por ele - e "A Cor da Pele".



Gilduca canta, amanhã, no Espaço Aberto da Fundaj

Apóstolo negro

A passagem do arcebispo sul-africano, Desmond Tutu, prêmio Nobel da Paz em 1984, pelo Recife, tem ressonâncias históricas que não podem ser esquecidas.

Finalmente, aqui é a terra onde se ouviu o grande verbo de José Mariano em defesa do negro escravizado e Joaquim Nabuco antecipou a necessidade de uma política hábil para que a libertação do escravo não se prolongasse na miséria do trabalhador desqualificado, sem educação profissional, incapacitado, assim, de caminhar com os próprios pés o itinerário de sua afirmação social. Sem esquecer, também, contemporaneamente, a pregação revolucionária de Gilberto Freyre em defesa de uma cultura multirracial, sem hegemonismos etnocêntricos, à maneira da visão caolha de antropologias ideológicas.

O Recife não poderia deixar de ser, assim, uma grande concha acústica, onde o clamor dos negros martirizados na África do Sul cresce e vibra, gerando a cadeia de uma solidariedade que não é improvisação, mas brota mesmo das camadas mais densas de nossa História.

Desmond Tutu chega até a nos pedir muito pouco: "Apreciamos qualquer coisa que possa ser feita para pressionar o sistema injusto vigente na África do Sul, e gostaríamos muito de ver um aumento da pressão política e econômica do Brasil contra o país". E acrescenta: "É por isso que apoiamos esse movimento de não investimento em nosso país, que é uma

estratégia não violenta para acabar com as injustiças cometidas contra o povo".

Sabe o arcebispo e presente o mundo inteiro que se arma na África do Sul uma tempestade de sangue. Ao se transformar em pregoeiro de uma solução pacífica, conseguida através de pressões internacionais, Desmond Tutu trabalha contra o tempo. Falando dos mortos sul-africanos, esclarece ele: "Até onde sei, de 84 para cá esse número já passa dos dois mil, a grande maioria assassinada pelas forças de segurança".

A presença de Tutu é uma pergunta angustiante: vai o mundo permitir, mais uma vez, que, diante dos seus olhos, se repitam as cenas ignóbeis promovidas pelos nazistas, quando Hitler, recém-chegado ao poder, iniciava a sua política anti-semita?

O **apartheid** é pior do que o nazismo, porque é o nazismo depois do próprio nazismo. Já não tem o poder de iludir ou mistificar do primeiro. Todos o conhecemos, não ignoramos sua perversidade e até onde chega na escala dos desrespeitos à dignidade do homem.

Como sabemos, também, que os negros sul-africanos não se sujeitarão ao destino dos seis milhões de judeus assassinados por Hitler. Se tiverem de morrer, vão fazê-lo de armas nas mãos. O apóstolo negro quer a ajuda do mundo para evitar isso.

Marcas

* No Centro de Arte Popular, hoje, a partir das 23 horas, acontecerá o show dançante intitulado "Forró Brega & Chique", com a participação do cantor Reginaldo Rossi.

* O Grupo Cênico Liberdade promoverá, hoje, às 20 horas, na Praça Central da Vila do Embrião, Ouro Preto/Olinda, uma concentração artística com as participações de alguns grupos convidados, entre os quais o Teatro Abibiman, Banda Ins-

trumentália, Grupo Afro Axé e conjuntos de capoeira.

* "A Família Rato-plan", de Luiz Marinho, com direção de Rogério Costa, será apresentado, pela última vez, amanhã, às 10h30m, no Teatro Valdemar de Oliveira, encerrando uma brilhante temporada.

* O Grupo Síntese, companhia mineira de danças, fará duas exposições do espetáculo "So-